

APRENDENDO A TEMPERAR - INTERAÇÕES E NEGOCIAÇÕES PENSADAS A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE COZINHAS¹

Juzelia de Moraes Silveira
PPGACV/FAV/UFG

ISSN 2316-6479

Resumo

Partindoda pesquisa doutoral que realizo no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual/FAV/UFG, desenvolvo esse artigo que traz apontamentos iniciais sobre as relações que se estabelecem a partir da perspectiva das práticas de cozinhas. Para tanto, problematizo a noção destas práticas como imbuídas de um inerente afeto e, por meio das discussões de Ortega (2001) sobre a política da amizade, reflito sobre outras possíveis formas de conceber relacionamentos, isto também com vistas a uma construção de si mesmo.

Palavras-chave: práticas de cozinhas, experiências, construções de si.

Abstract

Based on the doctoral research I perform in the Graduate Program in Art and Visual Culture/FAV/UFG, this paper provides initial appointments on the relationships that are established from the perspective of practical kitchens. Therefore, I analyze the notion of these practices as imbued of an inherent affection and, through discussions of Ortega (2001) about friendship politics, I reflect on other possible ways of conceiving relationships, this also aiming at a construction of itself.

Keywords: kitchen practices, experiences, construction of itself.

1. Percebendo os sabores

Das experiências em torno das práticas de cozinhas relatadas por meus colaboradores, uma das questões despertadas diz respeito a como criamos espaços de relações distintas por meio dessas práticas com aquelas pessoas que nos são supostamente mais íntimas. Ainda, como estabelecemos, firmamos, experimentamos relações com as pessoas através das inúmeras instâncias que habitam o âmbito das cozinhas.

¹ Artigo desenvolvido a partir de um estudo inicial no projeto de tese “Ao sabor das narrativas – relatos a partir das práticas de cozinhas”, em que busco pensar questões que emergem destas práticas. Para tanto, conto com a participação de dois colaboradores até o momento (opto por não utilizar seus nomes aqui, uma vez que a tese ainda encontra-se em processo) com quem construo diálogos pensados por meio da temática referida, cruzando nossas experiências. Ainda, utilizo meu caderno de receitas em diálogo com o caderno de receitas de minha mãe para desenvolver algumas das ponderações que estes dois objetos despertam.

Para construir esse artigo extraído de minha tese doutoral – produzida a partir da perspectiva narrativa e de cunho autobiográfico – um relato de minhas experiências que narra a realização do pão, de seu presentear, envolvido por desdobramentos de relações que a partir de gestos comuns e cotidianos encontram formas de negociação. Segue abaixo parte deste relato:

Não gosto de comer pão, contudo, adoro fazê-lo. Não só pelo modo de preparo que envolve vigor, paciência, cuidado... Gosto principalmente porque sei que as pessoas apreciam um pão quentinho e que o perfume que exala pela casa cria uma sensação de conforto, de lar... ou do que eu considero um lar.

Desde cedo percebi que uma das formas mais eficazes de se criar uma relação afetiva com os vizinhos era presenteando-os com um pão. O cheiro do pão da Cirlei, vizinha da casa onde morava quando criança, era o indício de uma visita após algumas horas. Era um gesto de carinho e um pretexto para criar momentos de “conversa fiada” entre as tão atarefadas donas de casa. Deste gesto aprendi como criar momentos de sociabilidade.

(...) não tenho muita facilidade em me comunicar com as pessoas, o que não significa que não deseje. (...) Com a entrega de um pão, deixo aos poucos de lado a timidez, tenho introdução para um possível diálogo e um pretexto para um contato.

Presentear com um pão (...) é um modo de dizer “lembrei de ti”, “quis fazer um agrado porque gosto de ti”. Ou seja, uma forma de afeto por meio de gestos para quem tem dificuldade com as palavras. (MORAES, 2012)

A partir da construção desse relato em minha pesquisa, esse também desenvolvido desde questões suscitadas a partir de elementos de meu caderno de receitas, busquei pensar como fui observando as relações entre o cozinhar e demais ações que envolvem e/ou desdobram-se desse fazer e que apontam para as relações estabelecidas entre as pessoas. Nesse sentido, os relatos construídos por meus colaboradores, bem como os meus, falam sobre modos de ser e sobre interações com outros sujeitos que se desdobram a partir das experiências com as cozinhas.

Pensar os espaços que percorremos e as ações desenvolvidas nestes suscita pensá-los como meios de diálogo com as demais pessoas, como experiências que se desenvolvem nas trocas estabelecidas no dia a dia. Experiências que tanto constroem o sujeito de sua ação, como atuam em sua transformação. É no processo de lançar-se ao experienciar, de desejar as marcas criadas pelo vivido que o sujeito cria a si próprio como sensível à transformação daquilo que supõe ser em dado momento e circunstância.

Ao reconstruir imagetivamente essa cena que por muito vivenciei do presentear com o pão, observo como tornei essa uma prática também minha

e o que nesta ação abriga minha forma e motivação de perpetuar este ato. De mesmo modo, ao ouvir os relatos de meus colaboradores fui percebendo ressignificações daquilo que aprenderam na cozinha como formas de interação com as pessoas de seus convívios. Destarte, compreendendo a narrativa como mediada por um conjunto de normas que constituem o espaço que se habita, a partir de preceitos e estruturas discursivas (BROCKMEIER e HARRÉ, 2003; BRUNER, 1991), observo meios de situar-se no sistema que rege seu espaço, bem como suas ideologias, crenças e perspectivas. Assim, a cozinha não fala somente (ou necessariamente) sobre a repetição de tradições, gestos, relações desenvolvidas a partir dela, mas sobre como cada sujeito cria e recria a si próprio desde suas experiências.

No pequeno trecho de minha tese que aqui apresento, falo sobre o gesto de presentear com o pão, que por muitos anos presenciei, como demonstração de afeto entre aquelas donas de casa que faziam parte daquele círculo. Entretanto, não compartilho da comum opinião que se estabeleceu ao longo dos anos no que diz respeito das cozinhas como lugares de uma afetividade quase inata. A meu ver, como muitos outros espaços em que as pessoas colocam-se em contato, as cozinhas também podem ser redutos de negociações nem sempre fraternais.

2. Entre o amargo e doce das relações

Ao dialogar com meus colaboradores e ao observar em meu caderno de receitas expressões de relações com pessoas de meu convívio, fui percebendo modos de contato e diálogo que se desenvolveram tendo como base uma troca de receitas, um momento de conversa envolto pelo preparo de uma comida, o desejo de carinho por meio uma refeição. Entretanto, também foram evidenciadas formas de disputas, hierarquias e outras questões aparentemente distantes a um ideal romântico que paira sobre a cozinha. Destaco aqui a troca de receitas, os ensinamentos culinários como exemplos destas questões.

No caderno de receitas de minha mãe é comum encontrar ao lado de muitas das receitas o nome de alguma das mulheres de seu círculo de amizade. De mesmo modo, encontram-se papeis colados com letras distintas da sua, indicando que se tratam de “presentes” dados a ela repassando as instruções de algum prato. O mesmo é possível encontrar em meu caderno, porém não apenas em forma de receita, mas ainda com imagens que os amigos me presenteiam para colar em suas folhas.

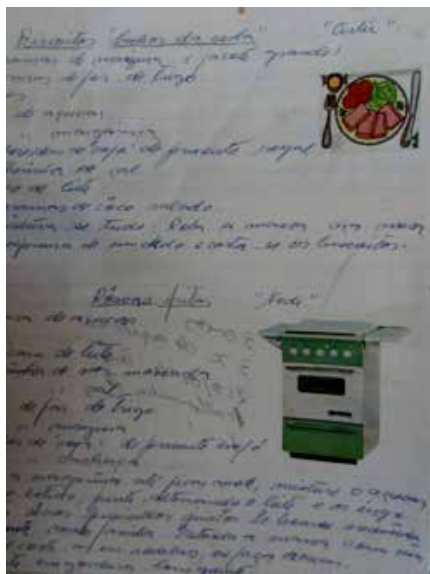


Fig. 1. Página do caderno de receita de minha mãe em que se pode observar as indicações das pessoas que lhe forneceram a receita. (arquivo pessoal, 2012)



Fig. 2. Imagem de uma receita dada por minha sobrinha. (arquivo pessoal, 2012)

Se, ao longo dos anos as trocas de receitas foram caracterizadas pela transmissão de conhecimento de uma geração para outra (DEMETERCO, 1998) ou de uma prática e saber de domínio feminino (FREYRE, 1997, 1952), percebo que esta se expande para além do gênero, bem como para além das relações familiares, contudo, parecendo voltada mais para o afeto e sociabilidade.

Quando falamos em “receita” no âmbito acadêmico, o termo normalmente é recebido com um sentido carregado de preconceito. Esta palavra indicaria pejorativamente um modelo, um modo de fazer básico que dispensaria a inventividade de quem a faz e que ainda ignora as particularidades do para quem é produzida. Entretanto, uma pesquisa acerca das histórias de receitas, de cadernos de receitas, frequentemente irá enfatizar o fato de que elas eram trocadas por suas detentoras, mas que era comum algo se modificar na instrução original (DEMETERCO, 1998). Isso acontecia porque alguns ingredientes eram modificados em razão de serem realizados em locais em que não se encontrava um ou outro ingrediente, por esse ser demasiado caro, ou ainda, pelo ingrediente ser substituído por outro de maior preferência.

Quando passamos uma receita à diante, o que estamos passando juntamente com ela? Trocar receitas é, frequentemente, trocar experiências que deram certo e neste “dar certo” não está implicada unicamente a questão do sabor. “Vou te dar uma receita que a minha família amou” é desejar o mesmo sucesso e felicidade para aquela pessoa. Talvez por essa razão ao longo dos

anos elas tenham sido trocadas entre pessoas que possuíam laços afetivos, seja para com a cozinheira ou para com os que ela alimentará. Como menciona Da Matta “(...) a comida define as pessoas e, também, as relações que as pessoas mantêm entre si” (1986, p.48). As cozinhas falam de relações que as pessoas estabelecem por meio dos rituais que estão presentes nelas, seja na construção dos pratos, na escolha dos alimentos, bem como no modo de se alimentar. As cozinhas contam daqueles que as constituem.

De mesmo modo é possível perceber que neste processo de passar uma receita ou informações culinárias em determinado grupo, isto vinculado à aquisição de um saber, sugere posições de cada sujeito naquela esfera. Tradicionalmente as receitas são passadas seguindo da geração mais antiga, para uma mais nova, ou circulando dentro de um grupo específico o que Freyre (1952), por exemplo, assinala quando menciona que algumas receitas do início do século XIX tardaram a serem popularizadas em razão do ciúme que algumas cozinheiras possuíam tratando estes saberes como uma valiosa joia de família. Assim, essa prática de compartilhamento carrega há muitos anos mais do que meras instruções sobre como se deve preparar algum alimento, mas quando observada mais de perto, vai realçando o contorno dos indivíduos presentes no círculo, a percepção que as pessoas criam umas sobre as outras, desejos e formas de se relacionar.

Construímo-nos a partir de outras identidades que pretendem informar como devemos ser e agir diante de nosso âmbito sociocultural. Nossos modos de ser são também formas de fazer, que se constituem também a partir da imitação de gestos, performances de outros, ou da busca por outras possibilidades de ação. Nisto, os fazeres e relações que se desenvolvem a partir das cozinhas podem contar construções identitárias, e os processos de aprendizagem envolvidos nessa prática dizem respeito ao desdobramento de um sistema representativo do sujeito.

Tais ações e maneiras de buscar constituir-se por meios específicos do fazer culinário, deste enquanto caracterizador daquele sujeito que pratica, amiúde estão vinculados às aprendizagens no que diz respeito ao âmbito das cozinhas e dos sujeitos responsáveis por estes processos de ensino. Nisto, é frequente a citação da família como instituição principal, não sóno que foi ensinado, mas em toda ritualização envolta no ato de cozinhar e comer. Ainda, a associação do ato de cozinhar com a relação para com o outro, como ações de afeto e responsabilidade.

Ao evocar as lembranças oriundas das relações do sujeito com as cozinhas, as retomadas de questões familiares são paulatinamente despertadas desde relatos de histórias da infância em que as pausas recorrentes na fala sugerem um olhar mais atento e por vezes descobridor daquilo que até então não havia sido retomado.

“Comemos lembranças da família, comemos história e comemos valores culturais” diz Nascimento (2007, p.72). Lembranças são retornos ao que vimos, vivemos e de algum modo nos constitui. E ao comermos e cozinhamos, trazemos a tona ensinamentos mediados por concepções e discursos que decorrem de sistemas específicos. Que questões estão presentes nos gestos de carinho desenvolvidos a partir do ato de cozinhar para os familiares? Que questões por vezes ficam ocultadas por ideais de afetividade familiar?

A questão do cuidado com o outro, das responsabilidades que colocamos para nós em relação aos nossos, por vezes deixa a sensação de limitações em nossas vidas. Quando Bonino (2000) discute a questão da paridade nas tarefas domésticas, menciona que uma pessoa, ao propor-se a alimentar alguém como ato de cuidado e carinho, acaba por reduzir consideravelmente a atenção sobre si mesmo. Nisto, reforça o autor, frequentemente, as atividades do lar acabam por se configurar como obrigações que são camufladas pela ideologia do amor. A partir disso penso nessa separação que é proposta entre o sentimento de obrigatoriedade e o de carinho.

Observando estes dois sentimentos em relação à cozinha, recorro à seguinte citação de Giard (2003, p.259): “Através do interesse e do cuidado que se tem com a comida, no leque de prazeres que nos permitimos ou nas restrições que nos impomos, se lê e se traduz em atos visíveis a relação que mantemos com nosso próprio corpo e com os outros.” As práticas de cozinhas quando voltadas para as relações familiares apontam para valores, posturas assumidas em razão da compreensão das normas de interação entre sujeitos de uma família, e nisto, frequentemente estão presentes concessões que parecem realizadas em prol do cuidado com o outro.

Em entrevista, minha colaboradora menciona que sua mãe sempre faz questão de preparar a janta para seu pai, ao invés de requeimar a comida do almoço, como em geral é feito nas casas. Segundo ela, isso se dá em razão de que o horário de término de seu trabalho às 19h. Sua mãe justifica que assim o faz pelo fato de que ele trabalha o dia todo e que tem direito a comida fresca ao término do dia.

Se por um lado essa situação pode sugerir uma problematização da submissão feminina, por outro, ao se trocar alterar os sujeitos envolvidos, como ocorre no caso de meu outro colaborador a quem observei preparar com carinho o almoço para sua mãe, percebo que são exemplos de afetividade que tocam as discussões de gênero, mas que também as transcendem.

Contudo, percebo uma grande tendência de autores que discutem as relações de afeto e sociabilidade por meio da cozinha e que fazem coro para falar sobre a mesa como um local de felicidade. De forma alguma ignoro essa

possibilidade, mas não a penso como uma regra e, tampouco como algo que se pode verificar na maioria dos casos. De fato creio que os momentos de celebração comumente sejam em torno de uma mesa, mas talvez nem todo encontro frente a ela seja o dispositivo para um momento de celebração.

Creio que muito dessa ideia da mesa como local que desperta boas recordações, sobretudo voltadas à família, advenha da noção que se construiu sobre os laços de parentesco como envoltos por um inerente e inato carinho.

Ao conversar com meus colaboradores, ambos mencionam suas práticas de cozinha em relação às suas redes de amizades. Falam sobre as relações de sociabilidade que se constituem por meio de preparos de refeições, frente a mesas de amigos. Em nossos diálogos a família esteve presente em inúmeros momentos, entretanto, o cozinhar e se reunir para comer marcado pelo sentimento de celebração parecia mais evidente quando se referiam aos grupos de amigos.

Em formato oposto ao das relações familiares, que expressivamente carregam o caráter do obrigatório, as relações de amizade são construídas pelo desejo de interação, de convívio, de conhecimento do outro. As amizades surgem de afinidades que não significam o encontro com o mesmo, com alguém que é reflexo de si, mas justamente da possibilidade de experimentação de ser em interação com o diverso. Nisto está implicada uma intenção de negociação e de abertura à aprendizagem com o outro, que se dá principalmente pautada no distanciamento propiciado pela amizade.

Ao nos propormos à integração decorrida dos atos de cozinhar, de sentarmos junto para comer com amigos, estamos desejando o contato frente a frente com este outro, desejando o desenvolvimento de conversas, de fala e escuta, de posturas distintas, de opiniões variadas. Colocamo-nos sob o efeito da fala do outro, às conexões com as nossas e com o que somos naquele momento. Tais conexões não se dão apenas pela concordância, mas pelas costuras de coisas variadas que se propõem à possibilidade do enlace.

É curioso pensar que em muitos casos esses diálogos não se dão quando na intimidade com aqueles que fazem parte de nossa família. Em uma das falas de minha colaboradora ela comenta que sua relação com a família ganhou outros contornos após ter começado a morar sozinha, que parece ter estabelecido-se uma relação de maior compreensão e respeito de ambas as partes.

Menciona sobre a tentativa de cozinhar coisas diferentes das que seus pais estão habituados a comer e da flexibilidade deles em tentar experimentar. Mais ainda, conta que sua mãe telefona às vezes para perguntar sobre determinada receita.

Após ter deixado de morar com meus pais, comecei a ter acesso à minha cozinha, ao espaço de meu acesso e responsabilidade e, bem como minha colaboradora, o tema da cozinha passou a ser o principal dispositivo de diálogo entre minha mãe e eu. Nisto também parece-me presente uma outra questão, a qual diz respeito ao domínio de um território. Quando indaguei à colaboradora sobre a razão dela não tentar produzir pratos doces, sua resposta foi “*não vou competir com a minha mãe. Deixa ela lá, ela faz bem, eu não vou... agora, na parte dos salgados eu vou me atrever. Aqui e vou fazer diferente*”(Colaboradora, 2012). Há nessa afirmação a evidenciação de hierarquias e adoção de posturas distintas que se constroem mediadas por um fazer.

A cozinha, diante disso, apresenta-se como uma propriedade, como um local gerenciado por alguém e, justamente por ser de domínio deste, abriga em si as características de seu dono bem como lhe confere autoridade. Ao ter acesso à cozinha de minha mãe, eu era aprendiz ou convidada, como também parece ter ocorrido com minha colaboradora e a sua. Disto decorre uma forma de atuação pautada pela determinação de quem decide e quem recebe ou apenas auxilia. Parece-me que ao aprender a administrar a própria cozinha ganhamos de nossas mães o respeito para sermos inclusive consultadas e, mais ainda, estabelecemos um vínculo em comum, uma certa proximidade oriunda de uma margem de distanciamento.

Nesta relação estabelecida pela intimidade da convivência familiar, cria-se também um comodismo nas ações desenvolvidas naquele âmbito. Neste sentido, a saída desse local que já é administrado por alguém, potencializa descobertas, experimentações e aprendizagens. Essa distância criada, em que a zona de conforto é desestabilizada requisita outras formas de ser e de relacionar-se com os que estão a nossa volta.

Ortega (2000), propõe uma política da amizade, sugere um certo grau de distanciamento possível nestas relações, isto distinto ao projeto lançado às interações familiares, como potencializador de uma sensibilidade à diferença, à opiniões divergentes, ao respeito e cuidado do outro. A partir disso busca-se o empreendimento de uma política da amizade que intensifique a multiplicidade dos modos de interação, não visando com isso uma busca por uma identidade fixa, mas justamente a abertura à autotransformação.

Diante de uma sociedade que nos instiga a saber quem somos, a descobrir a verdade sobre nós mesmos, e que nos impõe uma determinada subjetividade, esse cultivo da distância na amizade levaria a substituir a descoberta de si pela invenção de si, pela criação de infinitas formas de existência. (ORTEGA, 2001, p.7)

A distância, assim, seria como um dispositivo de olhares a partir de outras perspectivas, imaginando nisso também outras formas de cuidado com o outro que não determinadas pelos sentidos da fraternidade. Ao conceito de fraternidade foi instituído uma série de paradigmas que o permeia. Nisto, a noção de afetividade, os movimentos que devem ser realizados com aqueles que amamos, as palavras, gestos, parecem possuir um único formato. A afetividade, tal como é pensada no contexto familiar, não compreende a distância e, por vezes, exige e determina como se deve sentir e demonstrar.

Assim, frequentemente ao se buscar forçosamente esta proposta instituída para as relações afetivas, o que na verdade ocorre é a impossibilidade de criação de outros modos de interação, de olhar o outro e a si mesmo. Diz Ortega (2000, p.82) que “(...) um excesso de proximidade e intimidade leva à confusão, e somente a distância permite respeitar o outro e promover a sensibilidade e a delicadeza necessárias para perceber sua alteridade e singularidade.”. Assim, ao se tomar certa distância, abandonar um pouco a intimidade e comodismo das relações familiares², fraternais, talvez seja possível experimentar outras formas de interação com aqueles com as quais só parecia possível uma única.

Para tanto, também parece necessário questionar o ideal de cuidado para com o outro, de afeto e atenção. Nisto, as experiências a partir das cozinhas, as interações desdobradas no encontro frente à mesa podem problematizar tanto a imersão nas condutas atribuídas ao fraterno e familiar, como o desdobramento de outros variados modos de conhecer-se, dialogar e olhar aqueles que inicialmente nos são colocados tão próximos, isso projetando outras formas de ser.

Compreendendo que a construção de si por meio da experiência transforma o indivíduo, bem como suas práticas, essas podem criar também cursos diversos de ser que agem sobre uma estrutura discursiva que o problematiza. Não se trata de uma estrutura que aja sobre seres inertes, nem tampouco que ela não os afete, mas trata-se muito mais de pensar esses seres moventes que se relacionam com essa por meio de problematizações que derivam de suas práticas.

A partir das coisas que experienciamos, que deixam em nós suas marcas, criamos em nós a possibilidade de outras formas de ser, talvez diversas às referências, aos ideais, mas abertas às negociações com os outros e consigo mesmo. Nisto, as experiências tecidas a partir das cozinhas não se reduzem à repetição e a cópia (tão comumente atribuída à suas práticas), mas à ampliação

2 Quando me reporto a relações de familiaridade e fraternidade essas voltam-se ao modelo de interação entre parentes, compreendida como o modo de interação ideal instituído socialmente. Todavia, aqui me utilizo desta expressão ciente de que mesmo as relações entre parentes podem ser alheias a este ideal, bem como que as políticas de amizades podem se dar entre integrantes de uma família.

por meio do olhar sobre os sujeitos, espaços, circunstâncias, de outras formas possíveis para si mesmo.

3. Retrogosto³ – que sensações ficam após as ponderações?

As cozinhas e suas práticas, esses locais e fazeres de retorno a lembranças, encontros entre familiares e amigos, de experimentações não só culinárias, mas interativas, de confrontos e negociações, mostra-se assim também como espaço potencializador de criação e reinvenção de sujeitos. Nesse sentido a noção de como podemos aprender com as experiências, de como essas podem ser potentes sobre nós une-se às práticas que se desenvolvem no cotidiano das relações entre sujeitos, buscando não só sua compreensão, mas um olhar sobre como estas se configuram, desdobram-se e sobretudo outros contornos que poderiam ganhar.

Ao ouvir minha colaboradora, entrelaçar suas experiências com as minhas, folhear as páginas dos dois cadernos de receitas para pensar sobre estas questões, fui percebendo o quanto são complexos os modos de interação entre os sujeitos quando pensados pelo viés da cozinha, ainda mais quando a atenção recai sobre o cuidado com os outros e as formas de afetividade. Nisto, estão presentes sobretudo discursos, normatizações construídas socialmente que agem tanto sobre as expectativas que tecemos em relação aos outros, como sobre aquilo que adotamos como postura diante destes. Neste sentido, uma política da amizade contribui para a desestabilização destes discursos e normas, provocando a experimentação de outras maneiras de se relacionar, pensar o outro e a si mesmo.

Referências:

BONINO MÉNDEZ, Luis (2000). Los Varones hacia la Paridad en lo Doméstico - Discursos Sociales y Prácticas Masculinas. Sanchez-Palencia, C e Hidalgo, JC. (ed) *Masculino plural: Construcciones de la masculinidad*. Lleida: Univ. de Lleida. www.geocities.com/litertulia/paridad_lbonino.htm

BROCKMEIER, J.; Harre, R (2003). Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica* (p. 525-535), Porto Alegre, n. 16 (3).

BRUNER, J. (1990). *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

3 Termo frequentemente utilizado em relação ao sabor que permanece na boca após a ingestão de um vinho.

CERTEAU, Michel;GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. (2003). *A invenção do cotidiano:2, morar,cozinhar*. Petrópolis: Artes de Fazer.

DA MATTA, Roberto (1986). *O que faz do Brasil, Brasil?-* Rio de Janeiro: Rocco.

DEMETERCO, Solange (1998). *Doces lembranças: cadernos de receitas e comensalidade, Curitiba: 1900-50*. Curitiba. Dissertação (Mestrado em História) Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. 190 f.

FREYRE, Gilberto (1997). *Açúcar*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____.(1952). *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio Ed.

NASCIMENTO, Angelina de Aragão Bulcão Soares (2007). *Comida: prazeres, gozos e transgressões*. Salvador: EDUFBA.

ORTEGA, Francisco (2000). *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Sinergia: RelumeDumará.

MORAES, Juzelia. Depoimento. Arquivo digital formato Word. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Ao sabor das Narrativas - relatos a partir das práticas de cozinhas. Goiânia: PPGACV/FAV/ 2012.

Colaboradora. Depoimento. Arquivo de áudio. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Ao sabor das Narrativas - relatos a partir das práticas de cozinhas. Goiânia: PPGACV/FAV/ 2012.

Minicurrículo

Juzelia de Moraes Silveira - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual - FAV/UFG. Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria/RS. Possui Graduação em Desenho e Plástica - Artes Visuais - Bacharelado (2004) e Graduação em Artes Visuais - Licenciatura Plena (2006), ambas pela Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista REUNI - CAPES.